

O “VALOR AUTÊNTICO” DE PLÍNIO SALGADO: O PENSAMENTO IDEOLÓGICO NACIONALISTA EM *O ESTRANGEIRO*¹

Leandro Pereira Gonçalves²

Resumo: *Este trabalho pretende analisar o romance O estrangeiro de Plínio Salgado como testemunho de uma determinada classe social, seguindo o referencial teórico proposto por Lucien Goldmann. Nessa obra, pode ser encontrada uma fonte historiográfica reveladora para a compreensão da ideologia presente na Ação Integralista Brasileira. A partir daí, foi possível observar um discurso conservador e autoritário para o desenvolvimento da sociedade brasileira. Utilizou-se o estruturalismo genético goldmanniano a fim de se verificar a existência de artifícios e formas que possam comprovar se as obras literárias de Plínio Salgado são consideradas romances e, portanto, expressão burguesa.*

Palavras-chave: *Literatura, Estruturalismo genético, Integralismo.*

Abstract: *This essay intends to analyze the novel O estrangeiro of Plínio Salgado as a testimony of a specific social class, following the theoretical reference proposed by Lucien Goldmann. In this work, there can be found a revealing historiographical source for understanding the ideology present in the Brazilian Integralist Action. From then on, it has been possible to observe a conservative and authoritarian speech to the development of the Brazilian society. The genetic structuralism of Goldmann was used to verify the existence of artifices and ways that may prove whether the literary works of Plínio Salgado are considered novels, and therefore are expressions of bourgeoisie.*

Key-words: *Literature, Genetic Structuralism, Integralism.*

¹ Este artigo é uma versão ligeiramente modificada do Capítulo III da dissertação de mestrado apresentada pelo autor ao Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, área de concentração: Literatura Brasileira em novembro de 2006, intitulada: *Literatura e Autoritarismo: o pensamento político nos romances de Plínio Salgado*, orientada pelo Prof. Dr. Gilberto Mendonça Teles.

² Professor assistente do Departamento de História do Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora; Mestre em Literatura brasileira pelo CES/JF; Especialista em História do Brasil pela PUC/MG; Graduado em História pelo CES/JF; e-mail: leandrogoncalves@gmail.com

A formação do movimento integralista brasileiro deu-se no início da década de 1930 sob a liderança do escritor e jornalista Plínio Salgado. Em outubro de 1932, o escritor divulgou o *Manifesto de Outubro* propondo a formação de um grande movimento nacional.

O movimento registrou-se sob a denominação de Ação Integralista Brasileira (AIB). Sua organização, influenciada pelos movimentos fascistas europeus, priorizava a arregimentação de militantes e seu enquadramento em uma estrutura hierárquica. A partir de então, logrou intenso e rápido crescimento, ascendente até a decretação do Estado Novo, em novembro de 1937.

O Integralismo atacava o liberalismo, os partidos políticos e o parlamento, considerando a democracia liberal como destruidora da alma nacional e responsável pela disseminação do comunismo, inimigo maior a ser combatido. Apresentando-se como um movimento de despertar da Nação, o Integralismo canalizava para a ação política, as angústias e temores dos setores médios, constituindo-se como instrumento de sua incorporação ao processo político. O perigo comunista da revolução soviética e as mobilizações do proletariado acentuaram o temor de proletarização dos setores médios, universo em que o Integralismo recrutava a maior parte de seus militantes.

O líder integralista Plínio Salgado nasceu na cidade de São Bento do Sapucaí, em São Paulo, em 1895. Sempre teve uma grande participação política e tornou-se um jornalista conhecido a partir de 1919 na capital paulistana. Participou das agitações modernistas, tornando-se um romancista respeitado após a publicação de uma trilogia romanesca denominada "Crônicas da Vida Brasileira", composta pelas obras: *O estrangeiro*, de 1926; *O esperado*, de 1931, e *O cavaleiro de Itararé*, de 1933. Plínio Salgado escreveu mais três romances: *A voz do oeste*, em 1934; *Trepandé* – redigido entre 1938 e 1939, mas publicado apenas em 1972 – e *O dono do mundo*, escrito no fim de sua vida, aproximadamente entre o período de 1974 e 1975. Esse último romance não foi finalizado em decorrência de sua morte, sendo publicado apenas no ano de 1999.

Na Semana de Arte Moderna de 1922, Plínio Salgado liderou um dos grupos formados a partir do movimento, o grupo Anta, no qual as posturas e idéias ultranacionalistas eram levadas ao extremo. Esse foi a base para a fundação do Integralismo, que tem como principais características os mesmos dogmas do fascismo: a aversão ao estrangeiro e à diferença; a disciplina irracional; a obediência

cega e incontinente a uma ordem opressora; o cerceamento da liberdade de expressão; o favorecimento das classes dominantes; as paradas militares; e, por fim, mas não menos importante, uma ideologia nacionalista do “tudo pelo Brasil”.

A aproximação entre o campo literário e o histórico é algo que ocorre com frequência, atualmente, no meio acadêmico, como consequência da renovação francesa da historiografia, com os *Analles*, nos anos 1920. Segundo a nova corrente historiográfica, tudo que se passou é objeto de interesse da história e é com ela que pode ser percebida a totalidade histórica, pois por meio da visão defendida por essa renovação, os fatos e acontecimentos não têm importância alguma, mas sim os critérios escolhidos pelo historiador. Portanto, é possível afirmar que tudo que possui registro é histórico e, sendo assim, passível de ser analisado.

Assim, dentro dessa visão, analisar romances é pertinente. Contudo, no escopo teórico deste trabalho, as razões da inclusão de fontes não ordinariamente examinadas pelo crivo dos historiadores – no caso específico, de textos literários e, mais especificamente ainda, de romances – se estendem a outros fatores.

O referencial teórico que orienta este trabalho segue a análise de Lucien Goldmann (1990), que coloca o romance como gênero literário criado pela sociedade burguesa, como reprodução literária homóloga do processo de estruturação social.

Ao verificar os romances de Plínio Salgado, esta pesquisa pretende transformar essas obras em fonte historiográfica, não enquanto um *doublé* das fontes tradicionais (documentos oficiais), muito menos enquanto descrição de sistemas sociais, mas como testemunhos de uma determinada classe social (burguesia, ou pequena burguesia, no caso), mirando uma formação social específica (a brasileira, da primeira metade do século XX). Nessa análise poderão ser recuperadas dimensões ideológicas (conotativas) expressas pelo autor por meio da ficção.

Nas últimas três décadas, Plínio Salgado e sua ideologia integralista foram objetos de muitos estudos. No entanto, como literato, o autor foi pouco abordado, embora sua importância seja incontestável não só para a literatura como também para o pensamento humano, pois Plínio Salgado tem a preocupação de colocar, nos romances, seus objetivos políticos, suas intenções doutrinárias, além de seu pensamento sobre a sociedade brasileira.

Em suas obras, verifica-se uma grande riqueza ideológica –

inclusive no que diz respeito à formação social burguesa – e, com ela, é possível realizar uma profunda abordagem literária, histórica e sociológica, analisando sua presença no mundo burguês.

Como foi proposto por Lucien Goldmann, o romance é, ideologicamente, o gênero literário burguês e, portanto, expressão estética do Estado burguês, é um estudo das relações entre os personagens problemáticos e os contextos sociais opressivos. Tais relações passam para o leitor um contexto de tentativa de realização de valores autênticos num mundo hostil aos valores. Daí a busca degradada de valores por parte de personagens desadaptados – uma busca condenada ao fracasso e que assinala o caráter problemático do romance.

Esta pesquisa é a verificação sistemática desta afirmação, por meio de uma análise literária e, ao mesmo tempo, sociológico-histórica dos romances de Plínio Salgado.

A criação literária constitui um campo privilegiado de aplicação do estruturalismo genético. Lucien Goldmann parte do princípio de construção das estruturas cognitivas para aplicá-lo às relações entre o autor e o grupo social. O autor passa a interagir com esse grupo, procurando responder às suas expectativas. A criação cultural artística surge como uma resposta significativa e articulada, como expressão das possibilidades objetivas presentes no grupo social.

Observa-se nas obras literárias de Plínio Salgado uma crítica a todo o sistema brasileiro, sendo a sociedade colocada como infeliz; daí a necessidade de mudança para a defesa do forte nacionalismo. Enquanto o comunismo e o liberalismo são tratados como males que têm de ser extirpados da sociedade, o Integralismo é colocado como o único capaz de salvar a humanidade desses inimigos da ordem. Em seus romances, essa análise da sociedade brasileira é clara, pois seus pensamentos de salvação para o Brasil são expressos por meio da crítica à sociedade que, em muitos momentos, é considerada apática por não lutar contra o mal.

Para comprovar essas afirmativas, foram avaliados os seis romances de Plínio Salgado: *O estrangeiro*; *O esperado*; *O cavaleiro de Itararé*; *A voz do oeste*; *Trepandé*; *O dono do mundo*.³ Deles, foi selecionada a obra *O estrangeiro*, por ser o precursor do movimento modernista e a base de todo o pensamento pliniano.

³ Na versão completa da pesquisa foram analisados três romances de Plínio Salgado: *O estrangeiro*, *Trepandé* e *O dono do mundo*.

Nesse primeiro romance, o seu forte pensamento político ainda estava sendo cristalizado. Portanto, é possível notar, já aí, um expressivo nacionalismo, que será a ideologia de inspiração do movimento integralista. Neste primeiro romance, verifica-se o encontro do autor com sua ideologia política: “O meu primeiro manifesto integralista foi um romance. Quatro anos levei a meditá-lo e a escrevê-lo, desde uma luminosa manhã de setembro em que viajei pelo sertão paulista, onde o Tietê explode nas pedreiras do Avanhandava”. (1935b: 5).

Uma obra literária expressa, além das idéias, os sentimentos mais profundos de um autor. Plínio Salgado apresenta, em suas obras romanescas, argumentos que não estão presentes em suas obras doutrinárias. Contudo, independentemente da obra composta, a defesa ideológica se faz presente. Como o romance pode ser visto, ideologicamente, como representante do Estado burguês, pode-se observar que Plínio Salgado expressa essa sua defesa nacionalista burguesa para o Brasil.

Partindo da contextualização literária do autor, propõe-se realizar uma contextualização sociológica cultural, utilizando os argumentos de Lucien Goldmann na análise de três obras literárias de Plínio Salgado. A utilização do estruturalismo genético é algo pertinente, como pode ser comprovado por meio de uma crítica literária que defende a propriedade da teoria goldmanniana por permitir uma: “explicação do relacionamento entre a personagem e seu ambiente, numa homologia com a tensão natural entre o escritor e a sociedade. É um grande passo na direção da renovação de perspectivas históricas para o estudo da literatura brasileira”. (TELES, 1990: 104).

Em qualquer obra de Plínio Salgado, desde que analisada de forma mais cuidadosa, será possível observar a defesa do lema integralista: “Deus, Pátria e Família”. Plínio revelava ser um defensor de uma sociedade religiosa e conservadora, como já se podia observar no *Nhengaçu Verde Amarelo* (Manifesto do verde-amarelismo, ou da Escola da Anta), elaborado por ele próprio, ao lado de nomes como Cassiano Ricardo, Alfredo Élis, Menotti del Picchia e Cândido Mota Filho. Um pequeno trecho do Manifesto dá a noção do objetivo do grupo: “Temos de construir essa grande nação, integrando na Pátria Comum todas as nossas expressões históricas, étnicas, sociais, religiosas e políticas. Pela força centrípeta do elemento tupi”. (1929 apud TELES, 2002: 361-367).

Na terceira edição de *O estrangeiro*, na segunda de *O esperado* e no último romance da trilogia “Crônicas da vida brasileira”, *O cavaleiro de Itararé*, Plínio Salgado publicou o mesmo prefácio, no qual analisa sua participação na vida literária:

Não serei eu o mais insuspeito para julgar estas “Crônicas da vida brasileira”. Sua publicação foi iniciada em 1926, há dez anos, precisamente, com *O estrangeiro*. Em 1931, saiu *O esperado* e em 1933 *O cavaleiro de Itararé*. Esses livros, a meu ver, só agora se tornaram verdadeiramente atuais. É certo que *O estrangeiro*, na ocasião do seu aparecimento, obteve um instantâneo sucesso de crítica. (1981: 11).

Plínio Salgado julga ser o responsável pelo nascimento do espírito moderno no romance brasileiro, após a Semana de Arte Moderna de 1922. O autor afirma que não existe uma utilização das teorias modernistas após a realização da Semana:

Todos os romances brasileiros posteriores (exceção feita até certo ponto, à *Bagaceira* e às mais recentes e corajosas tentativas do Sr. José Américo de Almeida) preferiram retomar o ritmo antigo, fato que se deu também, na Europa, onde as experiências modernistas não passaram jamais de esquemas fragmentários, não atingindo construções mais amplas. (Ibid.: 12).

Nesse mesmo prefácio, de maneira poética, o autor faz uma relação dos romances com sua vida, o que pode comprovar a importância das obras em sua formação política pessoal:

Ninguém poderá dizer que me conhece, antes de ter lido estes três romances e de ter meditado sobre suas páginas, longamente. Eu bem sei que o meu maior romance é aquele mesmo que eu tenho vivido, atravessando um dos mais curiosos momentos da história do meu Povo. Para penetrar, porém, no segredo deste poema da minha vida feito de realidades extraordinárias como ficções, é preciso penetrar no sentido destes três poemas, feitos de ficções extraordinárias como realidades. (Ibid.: 14-15).

O movimento modernista que se anunciou em 1922 já possuía uma projeção de emblema da nacionalidade, anunciando novos caminhos essencialmente brasileiros.

Os romances de Plínio Salgado podem ser analisados na literatura como um fenômeno da historiografia literária nacional. Suas obras, que têm como objetivo central a política brasileira, servem de parâmetro para compreender o pensamento autoritário e nacionalista de Plínio Salgado. O crítico literário Wilson Martins exalta essa literatura aliada ao Integralismo: “O criador do Integralismo – que interessa duplamente à história modernista, seja por representar uma das correntes políticas saídas do Movimento, seja por haver escrito os primeiros e, de resto, os melhores romances políticos da primeira fase”. (1978: 249).

A determinação do valor de Plínio Salgado na literatura brasileira requer o estabelecimento de algumas linhas determinantes da evolução literária, enquadrando o processo histórico presente. Plínio Salgado defende uma sociedade baseada no nacionalismo político – para ele, o único caminho do povo brasileiro:

Nacionalismo não é um simples culto de bandeira, nem pode ser apenas o Hino Nacional. Não é a marcha batida das manifestações militares. Não é a devoção feiticista das formas exteriores da Pátria Política. Nacionalismo é visão total do país e é, ao mesmo tempo, a consciência particular de cada caráter e de cada tendência [...] O nacionalismo não pode ser apenas um culto ideal e político [...] Não temos tido no Brasil uma compreensão exata do nacionalismo. Nós nos temos limitados a adoração lírica da Bandeira e aos vivos seguidos do Hino Nacional. Pois todas as nossas atitudes tem sido anti-nacionalistas. (1935b: 139).

Tendo por base esse princípio nacionalista, o autor, em sua doutrina catequizadora para os integralistas, expressa seu desejo político para o Brasil:

Neste momento é necessário orientar a mocidade, dizendo-lhe que um povo que se orgulha de haver possuído alguns índices de cultura jurídica e alguns sinais de cultura filosófica dentro da liberal-democracia, não pode, de maneira alguma, aceitar qualquer regime de governo que exclua um embasamento de princípios e uma diretriz de direito, sem o que não existe civilização, nem dignidade nacional. Que está morta a liberal-democracia, é fora de dúvida. [...] O simples fato da soberania financeira não pertencer aos governos, porém a particulares, evidenciou a falência do Estado Liberal. [...] O panorama de confusão política, a competição dos partidos, os entrechoques regionais, tudo isso são aspectos da incapacidade liberal-democrática. [...] É necessário que a

autoridade moral de cada nação extinga os partidos que dividem suas forças [...] É preciso que passemos por uma etapa de nacionalismo, a fim de restaurar o prestígio dos governos: só então teremos autoridade para comparecer em assembléias internacionais e salvar o mundo das garras das ocultas potências despatrializadoras, que, escravizam toda uma civilização orgulhosa. (1935a: 57-60).

No *Manifesto de outubro de 1932*, Plínio Salgado expõe com clareza seus propósitos para o Brasil. O autor e político deixa muito claro no Manifesto seu desejo ideológico para o Brasil: a defesa de uma política nacionalista baseada no conservadorismo, tendo a manutenção da propriedade como forma de organização social, a aversão ao cosmopolitismo para a defesa de uma sociedade forte e organizada dentro de um contexto tradicionalista. (1982: 3-18).

Ao analisar a trajetória de vida de Plínio Salgado, pode-se perceber um político-literário com o objetivo de defender essa estrutura nacionalista afirmada no Manifesto, mas que na verdade tem em sua volta uma política extremamente autoritária e conservadora. Tal ideologia faz parte do contexto sócio-cultural do brasileiro, altamente conservador e não afeito a grandes mudanças – uma personalidade social montada a partir da existência, no Brasil, do capitalismo periférico, que, como já foi analisado, adapta o pensamento europeu conservador à sociedade. Essa tese do capitalismo periférico, defendida pelo cientista social Gilberto Vasconcellos em sua obra *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*, recorre à base sociológica defendida pela Escola de Frankfurt. Segundo os frankfurtianos: “a personalidade é vista como uma instância entre a base econômica e a ideologia das sociedades capitalistas modernas” (FREITAG, 2004:19).

O ato de agir socialmente é um reflexo de sua instância econômica; portanto, Plínio Salgado não irá conseguir se desvincular do Estado burguês. Com isso, suas ações não irão alcançar o sucesso almejado. Sua decepção também irá ocorrer nos romances, nos quais não alcançará o nacionalismo – seu valor autêntico – justamente por não conseguir se desvincular do mundo burguês existente.

Plínio Salgado defendia uma estrutura política na qual a elite estadista fosse a responsável pela estruturação do poder:

O que é necessário, no momento, é trabalhar pelo aperfeiçoamento e elevação moral dos futuros homens públicos e, encarando mais os problemas administrativos do que os teóricos, prepararmos a formação de uma futura opinião nacional, pondo-se em contato mais íntimo o interior com as cidades numa obra de saneamento, de instrução, de educação, de amparo ao homem do nosso hinterland. (1956: 123).

A ideologia nacionalista de Plínio Salgado esboça um formato semelhante ao fascismo europeu, e por isso a estrutura burguesa é consolidada dentro do sistema. Segundo Plínio Salgado: “Tenho estudado muito o fascismo: não é exatamente esse o regime que precisamos aí, mas é coisa semelhante” (apud MEDEIROS, 1978: 380).

A busca pelo valor autêntico ocorre por meio do pensamento intelectual. Plínio Salgado buscava o nacionalismo na teoria; entretanto, por ela o intelectual não encontra a resposta, já que não consegue realizar a transcendência vertical do mundo burguês em que vive. O ato de agir é um reflexo de sua instância econômica; portanto, em sua tomada de posição diante da realidade social; Plínio Salgado terá em sua concepção política a defesa da sociedade que o cerca, a burguesa, buscando por sua própria conta os meios estético-ideológicos adequados à reprodução da realidade pensada por ele. Segundo Lucien Goldmann:

A obra literária não é o simples reflexo de uma consciência coletiva real e dada, mas a concretização, num nível de coerência muito elevado, das tendências próprias de tal ou tal grupo, consciência que se deve conceber como uma realidade dinâmica, orientada para certo estado de equilíbrio. (1990: 18).

Plínio Salgado tinha ao seu redor o grupo integralista, formado, em sua maioria, por médios e pequenos burgueses. (TRINDADE, 1979: 131). Os seus romances foram escritos dentro do contexto burguês que era o Estado Brasileiro Republicano. Essa ruptura com a sociedade burguesa não será possível, argumento que ele não aceita, pois seu objetivo, como foi dito, é romper com todas as forças capitalistas vinculadas ao modelo liberal. Voltemos, portanto, ao objetivo deste estudo: os romances de Plínio Salgado são realizados de uma maneira completa? Na investigação dessa hipótese, deve-se levar em conta que criação burguesa do escritor

é o romance e, para ele existir, é necessária a presença do herói problemático, que tem como objetivo a busca dos valores autênticos.

No primeiro romance de Plínio Salgado: *O estrangeiro*⁴, o autor inicia uma busca do nacionalismo como o valor autêntico. De acordo com ele, a sociedade sofre alienação, pois não consegue perceber a verdadeira ruptura desta busca; por isso, os heróis problemáticos do romance, Ivan e Professor Juvêncio, tentam promover uma ruptura com a sociedade, mas como ela de maneira equivocada, não alcança o objetivo.

O escritor utiliza, como forma narrativa, o jogo de contrastes entre o sertão, onde está a autenticidade nacional, protegido da influência estrangeira e o nacionalismo defendido pelo mestre-escola Juvêncio, que encontra barreiras para desenvolver suas aspirações políticas devido à contaminação da política local. Aliás, esse personagem é colocado como sendo uma representação do próprio autor. Demonstrando apego aos valores autênticos, Juvêncio acaba não se transformando em herói, por não achar o momento, o que leva o leitor a pensar que ainda não é chegado o tempo. O tempo de transformar o professor Juvêncio em herói ocorreria no momento da implantação do Estado Integral, que é a base do Integralismo. Na verdade, o herói seria o próprio Plínio Salgado.

A obra é um romance dentro do romance realizado pelo mestre-escola, o que é desvendado somente na última página. A montagem narrativa gira em torno de um imigrante bem sucedido pelo trabalho árduo e hábitos de poupança que enriquecem. A história de Ivan, personagem que divide a posição central do romance com o professor Juvêncio, segue os caminhos dos milhões de europeus expulsos de sua terra. Militante revolucionário perseguido pela polícia czarista, introduz a figura do outro entre os imigrantes, já que é o único russo entre os italianos. (OE: 16).

O estrangeiro Ivan é colocado como um elemento dissonante no conjunto dos imigrantes, pois não foge da fome, mas da perseguição política e da morte certa. O romance narra a chegada dos imigrantes a Santos, onde Ivan é incorporado a um grupo de trabalhadores e levado ao interior de São Paulo, escutando de um fazendeiro que: “para a lavoura, os russos não prestam. Vadios e indolentes. Além do mais anarquistas”. (OE: 21). É encaminhado

⁴ Foi usada na pesquisa a 3ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1936, que daqui por diante será chamada de: OE.

para a fazenda Boa Esperança, de propriedade da família Pantojo, grupo paulista tradicional, cuja riqueza proveniente do café permitia-lhes residir ao lado de um luxo mundano, apegado à moda estrangeira, ao sustento de amantes e ao vício do jogo.

O russo aproxima-se da família do imigrante italiano Carmine Mondolfi, pai da bela Concetta. Enquanto os filhos de Carmine travavam relações com a gente do lugar “em poucos dias pareciam estar em sua própria terra” (OE: 26), Ivan preocupava-se com a leitura de jornais e livros e aprendia rapidamente a língua nacional. O russo, que realmente não “dava para a lavoura” (OE: 31), faz-se amigo de Juvêncio, diretor das Escolas Reunidas, que ensina ao moscovita os segredos do Brasil em lições de nacionalismo. Ivan deixava de ir ao cafezal, com frequência, para procurar Juvêncio no vilarejo.

Carmine Mondolfi economiza, compra terras e torna-se a figura central da colônia. Ajuda a fundar a sucursal da escola Dante Alighieri, reduto e símbolo da italianidade. Juvêncio resolve “fazer concorrência à Dante Alighieri, disposto a tudo, a um combate sem tréguas, violenta, arrasadora guerra de extermínio”. (OE: 55). Para ele, era preciso opor o espírito nacional à prosperidade da colônia italiana. Major Feliciano, opositor sistemático, também não admitia que estrangeiros governassem. Ivan deixa a fazenda e vai para Campinas trabalhar de contramestre em uma fábrica. Voltava, às vezes, para trocar idéias com Juvêncio e visitar o amigo Carmine.

Alcança, depois, a condição de industrial, ajudado por seu antigo patrão, o Pantojo, conseguindo a situação de patrão independente. Em São Paulo, Ivan angustia-se com sua nova condição: a fábrica prosperava e “o industrial matava o homem” (OE: 119). Vivendo entre a aristocracia paulistana, sentia-se de novo na Rússia da qual fugira. Ivan carrega em seu íntimo o destino maldito que se anuncia sorrateiro desde as páginas iniciais do romance. Misto de sonhador e cientista, fará de sua fábrica o laboratório de observações das reações provocadas pelo individualismo.

Durante uma greve geral em São Paulo, os operários da fábrica de Ivan não aderem ao movimento, fiéis ao chefe, por receberem melhores salários e serem mais bem tratados, sendo “quase sócios” (OE: 125). Diante dessa atitude, os sentimentos de Ivan são contraditórios: “compreendeu que interpretara o sentido messiânico da Terra Jovem e, com ele, criara, na sua fábrica, um

pequeno mundo de embaladores egoísmos". (OE: 129). Com seus operários, sofre amarga decepção – decepção contraditória por ser ao mesmo tempo expressão de sua personalidade dúplice. Confirma os resultados previsíveis daquilo que ele intencionalmente plantara: a traição expressa na ausência de solidariedade de classe dos seus trabalhadores na situação de greve. (OE: 152). Em passagem por São Paulo, o professor Juvêncio é confidente das preocupações de Ivan e do rumo que sua fábrica ia tomando.

Ivan, em um delírio, imagina-se dividido em vários sócias de características diferentes, mas todos o mesmo homem. Os sócias querem saber de Ivan quem ele é afinal: "Sentia-se o homem anulado por todos os personagens criados pelo demônio da sua própria inteligência". (OE: 224). No sertão, Juvêncio, numa atitude extrema, estrangula papagaios que havia dado de presente a Carmine e que, por isso, aprenderam a cantar o hino fascista de Mussolini. O professor apanha maleita e emagrece entre crises de febre e tremeadeira. Mas continuava ensinando os pequenos caboclos.

Enquanto a fábrica de Ivan ia muito bem, o russo julgava sua vida totalmente inútil. No dia 31 de dezembro, Ivan é procurado por imigrantes russos, ex-aristocratas fugidos da revolução. Entre eles, Ivan reconhece seu antigo amor, Ana Olenewna. Diz a eles que podem trabalhar em sua fábrica. Durante a festa de Ano Novo, o russo envenena seus operários e leva Ana até o terraço para morrerem juntos. A moça ainda tem tempo para dizer que não é Ana. Em seus momentos finais, Ivan torna a ver seus sócias. Dessa vez, ao invés de saírem dele, os sócias entravam-lhe no cérebro. (OE: 279-283).

Juvêncio arde em febre ao escrever o epílogo teatral e a apoteose da tragédia de Ivan. Este era uma criação de Juvêncio: "sentia que pusera muito de si mesmo em Ivan. A face ignorada da sua inviolável personalidade". (OE: 285). Teria morrido Juvêncio por esses confins da nossa terra? Ou deve andar fugido pelo sertão: "vigilante força obscura..." (OE: 289).

O mestre-escola Juvêncio-autor afirma, no final do livro, que: "sentia que pusera muito de si mesmo em Ivan [...] A face ignorada da sua inviolável personalidade. [...] Não serei eu uma criação de Ivan? Justamente por ser eu o seu contraste? Existo eu, ou existe Ivan?". (OE: 285). Os dois homens compunham estados de espírito diferenciados e complementares. Juvêncio matara Ivan, seu duplo,

por não poder levar adiante a trajetória da recusa do ideal da boa sociedade. Plínio Salgado adocece mortalmente Juvêncio por considerar não ter chegado o momento da força obscura revelar-se na lucidez das consciências. Na mensagem política do romance têm-se a expressão da sugestão do futuro possível da identidade nacional.

Nessa obra pode ser observada a presença da vida do autor em meio à ficção, pois Plínio Salgado teve, na juventude, uma influência nas suas leituras das idéias marxistas, como ele mesmo relata:

Nossas leituras eram todas marxistas. Não cheguei a ficar comunista, porque as 'novidades' do materialismo histórico já me tinham fascinado aos dezessete anos, quando lia Buchner, Lamarcke, Haekel, Le Bon, devorando a filosofia burguesa de Spencer, na qual encontrava, agora, tanta afinidade com a obra de Marx. (SALGADO, 1935b: 14).

Ao adquirir um pouco mais de maturidade, deixa de lado as teorias inspiradas no marxismo e passa a ser influenciado por valores religiosos e nacionalistas. É assim que se torna um forte intelectual representante de um grupo burguês no Brasil.

Observa-se em Plínio Salgado e em seu grupo, a expressão típica de um pequeno burguês, que nega sua existência burguesa e arrepende-se de ter sido socialista. A todo o momento será possível perceber, em *O estrangeiro*, uma oscilação de classes e interesses:

Não nos colocamos no ponto de vista nem da burguesia, nem do proletariado. Não estamos nem com os nacionalistas cegos, sentimentais e ditirâmicos, nem com os internacionalistas utópicos que pretendem unir os indivíduos por cima das Pátrias, proclamando a união dos trabalhadores de todo o mundo, como o fizeram os profetas falidos da II e da III Internacional. Não rompemos ofensiva contra a burguesia, mas contra o espírito do século do qual ela é um produto concreto; não contrariamos as justas aspirações do proletariado, mas queremos arrancar o proletariado da concepção unilateral da vida em que o lançaram, para explorá-lo, sem resolver a sua situação, que é apenas uma consequência da própria mentalidade do século XIX. [...] rompemos as nossas baterias, não contra os partidos, não contra a burguesia ou o demagogismo esquerdista, não contra os grupos regionais ou econômicos, mas contra tudo o que os produziu. A nossa avançada

é contra uma civilização. Em nome de uma palavra nova dos tempos novos. (SALGADO, 1936b: 77-79).

A oscilação entre as classes é visível nos textos de Plínio Salgado – não nega a burguesia, mas mantém o proletário ao seu lado. O personagem central, o russo, Ivan, revela-se um representante típico desse modelo social, pois logo no início do romance, ele se mostra como um revolucionário que tenta assassinar o czar e, por isso, acaba fugindo. Essa presença socialista na vida do russo não é bem descrita e isto é visto como um espelho de vida de Plínio Salgado, que através do russo mostra sua luta por mudanças e a necessidade de transformar o Brasil. Ivan é um angustiado em sua condição de industrial burguês, pois se sente como na Rússia aristocrática da qual fugiu. Vive em contradição, já que a fábrica prosperava e o industrial matava o homem. É o típico representante da média e pequena burguesia que não conseguem se localizar dentro da sociedade. Esse típico exemplo dará a tônica social do movimento integralista a partir de 1932.

Ivan, que para Plínio Salgado é a síntese de todos os seus personagens (OE: 8), é colocado pelo autor como um verdadeiro representante da sociedade brasileira, demonstrando ao longo da obra, apatia e desilusão com o Estado brasileiro. Aliás, a crítica à sociedade brasileira é explícita em vários momentos, como a morte de Nhô Indalécio, que morre de desgosto por não conseguir desafiar o poder existente.

A defesa do nacionalismo é a principal marca da obra, que passa a ser o valor autêntico de Plínio Salgado, sua busca insaciável. Coloca no professor Juvêncio e no russo Ivan suas aspirações e desejos para o Brasil. O nacionalismo latente está presente no mestre-escola, personagem com o qual mais se identificava o personagem central Ivan que também deve ser colocado como representante da nacionalidade de Plínio Salgado.

A presença de Plínio Salgado no nacionalismo do professor Juvêncio é visível, devido às suas ações e pensamentos. O tema nacionalista é marcado no texto em uma ação extremamente radical do professor, quando ele estrangula papagaios que haviam aprendido com seus antigos donos a repetir o hino fascista, ato inaceitável para Juvêncio (Plínio Salgado), não pelo fascismo em si, mas pela presença de uma cultura estrangeira em território nacional. Sem dúvida, o nacionalismo é o tema central da obra. O ato extremo do

professor representa a alucinação integralista em torno da cultura da autonomia. Criar algo totalmente independente e exclusivamente brasileiro era a meta de Plínio Salgado; seu grande sonho era o de criar uma cultura, uma civilização genuinamente brasileira. (VASCONCELLOS, 1979: 79).

O cosmopolitismo, para Plínio Salgado, causaria a destruição do verdadeiro nacionalismo:

A identificação do mundo moderno com a luta de classes elucida um traço ideológico que, volta e meia, aparece no discurso nacionalista dos intelectuais da década de 20 ou 30. Trata-se da mania de explicar nossa realidade social em termos de um conflito entre litoral (infestado de costumes estrangeiros) e o hinterland (reduto apartado da influência européia, núcleo da verdadeira cultura brasileira). Dessa matriz decorre o ataque integralista contra o “mal urbano” e o cosmopolitismo; contra tudo enfim que ostente a marca do “mundo ocidental” (Ibid.: 113).

Nesse discurso pode ser observada a contradição do pensamento de Plínio Salgado, já analisado na teoria de Gilberto Vasconcellos, segundo a qual a defesa do nacionalismo tem como oposição o cosmopolitismo, enquanto o Integralismo terá sua inspiração no fascismo italiano. Plínio Salgado não aceita a existência de uma dependência cultural presente no estado burguês brasileiro, pois, para ele, a criação de uma arte brasileira com elementos nacionais é o objetivo – meta que deve ser perseguida dentro da sociedade burguesa vigente.

O cosmopolitismo e a sociedade burguesa são marcados em vários trechos do romance, como no caso de Marina, que, devido a uma desilusão amorosa, torna-se prostituta, viciada e acaba por suicidar-se. A morte é vista como uma forma de dissolver o personagem incompatível com o valor autêntico defendido pelo autor

A presença burguesa inserida na ideologia nacionalista é observada na relação entre Maria de Lurdes e Ivan. O russo, exemplo de nacionalismo, envolve-se fora de uma concepção social burguesa: o casamento. Nessa relação, engravida a amante e ordena a ela que faça aborto. A força da ideologia burguesa é visível na obra. Plínio Salgado vê uma dúvida na personalidade de Ivan – como ele pode ser um verdadeiro nacionalista e estar atrelado à força burguesa vigente? – o que remete à inquietude social que ocasionará sua morte.

A obra literária de Plínio Salgado não é mais do que a ilustração da doutrina nacionalista. O que sustenta os romances que são justamente as ideologias políticas do autor:

Devemos ser nacionalistas? Sim; é a única resposta que cabe a um cristão, uma vez que sustenta o princípio da intangibilidade da pessoa humana e dos grupos naturais de que servem as mesmas pessoas para defender os seus direitos e cumprir seus deveres tendentes a um fim determinado por Deus. A Nação é um grupo natural, uma realizada histórica e social; nela se conjugam e se exprimem os outros grupos naturais. (SALGADO, 1950: 103).

O romance *O estrangeiro* passa a servir de base para a compreensão do pensamento político doutrinário expresso no *Manifesto de outubro de 1932*. Como o principal objetivo de Plínio Salgado era a defesa do nacionalismo, ele buscou em seu primeiro romance uma definição poética de Pátria: "Pátria é a voz do País saindo pela boca do Homem. (OE, p.46). Ainda no romance: "É um misterioso idioma que se conversa com a terra e com as estrelas. Só o entende quem sofreu e sentiu, no país, teatro de sua vida, debaixo dos astros, confidentes do seu coração" (OE: 102).

Plínio Salgado se mostra apreensivo e angustiado com a sociedade moderna em decomposição: materialista, agnóstica, dominada pela ambição, sem noção da caridade cristã, da responsabilidade pessoal e do cumprimento dos deveres, inteiramente desprovida do sentimento de Pátria. No romance, o escritor define a pequena cidade de Mandaguary como uma cidade de conspirações, onde tudo se acomodava aos interesses de cada um. Os cidadãos submetiam-se às vontades e caprichos dos chefes regionais, tornando o ambiente propício para a destruição da nacionalidade, porque tudo para o brasileiro se resumia a uma questão de oportunidade.

A solução para o Brasil, segundo Plínio Salgado, está expressa no *Manifesto de outubro de 1932*:

A Nação Brasileira deve ser organizada, una, indivisível, forte, poderosa, rica, próspera e feliz. Para isso, precisamos de que todos os brasileiros estejam unidos. Mas o Brasil não pode realizar a união íntima e perfeita de seus filhos, enquanto existirem Estados dentro do Estado, partidos políticos fracionando a Nação, classes lutando contra classes, indivíduos

isolados, exercendo ação pessoal nas decisões do governo; enfim todo e qualquer processo de divisão do povo brasileiro (1982: 4).

No capítulo IX, o professor Juvêncio chama os caboclos e imigrantes para compor os diretórios municipais para as eleições, pois, segundo ele: “não há partidos sem povo” (OE: 65). É necessária a organização de um partido político para organizar também o país. No *Manifesto de outubro de 1932*, encontra-se justamente a fundação de um movimento político cujo objetivo era organizar o Brasil para o desenvolvimento por meio de um Estado forte.

O nacionalismo está ao lado da aversão ao cosmopolitismo, pois este é, para Plínio Salgado, o responsável pelos problemas brasileiros. O professor Juvêncio explica tal posição:

As grandes cidades, dizia, não possuem traços diferenciais. Que semelhança existe entre São Paulo, Nova York, Paris ou Londres? Mas uma aldeia da França é profundamente diversa da vila brasileira, da povoação lusitana, dos lugarejos perdidos nos recessos de outros países. [...] O mestre disse num discurso de fim de ano construirá a Nova Pátria e será a atalaia vigilante sobre a dominação estrangeira. (OE: 51).

No *Manifesto de outubro de 1932*, pode ser visto:

O cosmopolitismo, isto é, a influência estrangeira, é um mal de morte para o nosso Nacionalismo. Combatê-lo é o nosso dever. E isso não quer dizer má vontade para com as Nações amigas, para com os filhos de outros países, que aqui também trabalham objetivando o engrandecimento da Nação Brasileira e cujos descendentes estão integrados em nossa própria vida de povo. Referimo-nos aos costumes, que estão enraizados, principalmente em nossa burguesia, embevecida por essa civilização que está periclitando na Europa e nos Estados Unidos. Os nossos lares estão impregnados de estrangeirismo; as nossas palestras, o nosso modo de encarar a vida não são mais brasileiros. Os brasileiros das cidades não conhecem os pensadores, os escritores, os poetas nacionais. Envergonham-se também do caboclo e do negro da nossa terra. Adquiriram hábitos cosmopolitas. Não conhecem todas as dificuldades e todos os heroísmos, todos os sofrimentos e todas as aspirações, o sonho, a energia, a coragem do povo brasileiro. Vivem a cobri-lo de baldões e de ironias, a amesquinhar as raças de que proviemos. Vivem a engrandecer tudo o que é de fora, desprezando todas as iniciativas nacionais. (1982: 6).

Na segunda parte do livro, no capítulo XIX, em uma conversa entre o Major Feliciano e o Professor Juvêncio sobre a Grande Guerra, o Major diz que o momento é de reorganizar o partido da oposição, pois é necessário clamar contra os males da República, que são piores que os torpedos alemães. O professor completa: "esta bandeira não pode ser ultrajada nem no mar, nem na terra." (OE: 139).

No *Manifesto de outubro de 1932*, encontra-se a solução proposta pelo autor aos problemas levantados nesse diálogo dos personagens:

Levntemo-nos, num grande movimento nacionalista, para afirmar o valor do Brasil e de tudo o que é útil e belo no caráter e nos costumes brasileiros; para unir todos os brasileiros num só espírito: o tapuio amazônico, o nordestino, o sertanejo das províncias nortistas e centrais, os caiçaras e piraquaras, vaqueiros, calús, capixabas, calungas, paroáras, garimpeiros, boiadeiros e tropeiros de Minas, Goiás, Mato Grosso; colonos, sitiantes, agregados, pequenos artifices de São Paulo; ervateiros do Paraná e Santa Catarina; os gaúchos das pampas; o operariado de todas as regiões; a mocidade das escolas; os comerciantes, industriais, fazendeiros; os professores, os artistas, os funcionários, os médicos, os advogados, os engenheiros, os trabalhadores de todas as vias-férreas; os soldados, os marinheiros - todos os que ainda têm no coração o amor de seus maiores e o entusiasmo pelo Brasil. Temos de invocar nossas tradições gloriosas, temos de nos afirmar como um povo unido e forte, que nada mais poderá dividir. O nacionalismo para nós não é apenas o culto à Bandeira e ao Hino Nacional; é a profunda consciência das nossas necessidades, do caráter, das tendências, das aspirações da Pátria e do valor de um povo. Essa é uma grande campanha que vamos empreender. (1982: 7-8).

Novamente o Major Feliciano: "sem voto secreto e eleições verdadeiras, nada se pode fazer" (OE: 138) No *Manifesto de outubro de 1932*, observa-se: "A nossa Pátria não pode continuar a ser retalhada pelos governadores de Estado, pelos partidos, pelas classes em luta, pelos caudilhos" (1982: 8).

No capítulo XXI, surgirá um personagem com o nome de Floriano, um estudante que Ivan conhece em São Paulo, estudou nos Estados Unidos e julgava o país pelo cimento armado na cidade, ou seja, a vida material, na qual só o dinheiro vale. Sobre esse problema da humanidade, o *Manifesto de outubro de 1932* diz que:

A questão social deve ser resolvida pela cooperação de todos, conforme a justiça e o desejo que cada um nutre de progredir e melhorar. O direito de propriedade é fundamental para nós, considerado no seu caráter natural e pessoal. O capitalismo atenta hoje contra esse direito, baseado como se acha no individualismo desenfreado, assinalador da fisionomia do sistema econômico liberal-democrático. Temos de adotar novos processos reguladores da produção e do comércio, de modo que o governo possa evitar os desequilíbrios nocivos à estabilidade social. (Ibid.: 11).

Martiniano, que no início do romance era um violento administrador da fazenda, foi para a cidade encantado com o cosmopolitismo. Envergonhava-se da vida levada durante anos, como burro de carga, e ridicularizava os agricultores. Seu objetivo na cidade era esquecer a família. Para Plínio Salgado, esse era um mal que deveria ser combatido e, por isso, o *Manifesto de outubro de 1932* propõe a solução:

Tão grande a importância que damos às Classes Produtoras e Trabalhadoras, quanto a que damos à Família. Ela é a base da felicidade na terra. Das únicas venturas possíveis. Em que consiste a felicidade do homem? Nessas pequeninas coisas, tão suaves, tão simples: o afago de uma mãe, a palavra de um pai, a ternura de uma esposa, o carinho de um filho, o abraço de um irmão, a dedicação dos parentes e dos amigos. (...) O Estado mesmo é uma grande família, um conjunto de família. Com esse caráter é que ele tem autoridade para traçar rumos à Nação. Baseado no direito da família, é que o Estado tem o dever de realizar a justiça social, representando as classes produtoras. Pretendemos, nesta hora grave para a família brasileira, inscrever a sua defesa em nosso programa. É, para defender a família do operário, do comerciante, do industrial, do fazendeiro, do camponês, do comerciário, do médico, do farmacêutico, do advogado, do engenheiro, do magistrado, do cientista, do artista, do professor, do funcionário, do soldado e do marinheiro, contra a desorganização, a prostituição e a ruína, que desejamos o Estado Forte, baseado nas forças vivas da Nação. (Ibid.: 13-15).

Como se observa nestas citações, a obra literária de Plínio Salgado não está desvinculada de seu pensamento político. O autor teve como objetivo colocar em seus romances a ideologia e o pensamento político existentes no momento em que fazia literatura, ou o seu desejo para o desenvolvimento da sociedade brasileira.

Em *O estrangeiro*, observa-se que o autor traçou os problemas da sociedade brasileira e, no *Manifesto de outubro de 1932*, a solução para eles, mas sempre de uma forma equivocada, pois a existência do Estado burguês e de seus valores sempre estarão marcantes no pensamento ideológico de Plínio Salgado.

As palavras iniciais do Manifesto, que, em 1932, definiram tal pensamento, foram: “Deus dirige os destinos dos Povos.” (Ibid.: 3). Para Plínio Salgado, o Homem está acima da liberdade, da sociedade, da humanidade e do Estado. Só Deus está acima dele.

O homem foi concebido integralmente, como está patente nos romances: um ser criado à imagem e semelhança de Deus, para um determinado fim. Portanto, nada pode impedi-lo de procurar alcançar esse fim para o qual foi criado. Os homens uniram-se em famílias, formando o primeiro grupo natural, que é livre e intangível como seus componentes.

Um povo formado dentro desse clima de cultura salvaria a Nação e proporcionaria às famílias um ambiente de segurança e garantia cessando, por conseguinte, os motivos do desespero que se documentou nos romances. O Integralismo viria para salvar o Brasil e acabar com todos os males da humanidade.

A presença da ideologia política para o Brasil é visível na obra e é por isso que ela pode ser considerada a matriz dos demais romances de Plínio Salgado: por ser a maior expressão ideológica do autor. Nessa obra, o autor tem como objetivo retratar a vida em São Paulo, realizando uma mistura do rural com o urbano. É justamente nessa relação que está o grande problema levantado por Plínio Salgado – o cosmopolitismo – como pode ser visto no *Manifesto de outubro de 1932*. Essa aversão estará presente em outras obras romanescas, por ser uma luta do nacionalismo.

Ivan simbolizará a dúvida e a oscilação de pensamento presentes em todo o romance, e a explicação dessa insatisfação com a modernização parte justamente da busca equivocada do nacionalismo, que é o objetivo central de vida de Plínio Salgado. O nacionalismo é um valor burguês da sociedade, pois sua busca ocorre por meios intelectuais teóricos, como aconteceu com Plínio Salgado. O autor não consegue desvincular o mundo projetado como ideal do mundo burguês existente.

O herói problemático defendido por Lucien Goldmann busca a ruptura da sociedade, e Ivan tem como objetivo essa ruptura. Um exemplo é a tentativa de promover a existência de uma fábrica

onde os empregados fossem respeitados e felizes, o que vai de encontro à realidade do mundo burguês. Por não conseguir buscar uma solução de como aplicar o verdadeiro sentimento nacionalista, Plínio Salgado, no fim da obra, promove a morte coletiva dos operários. O significado desse ato é uma conseqüência dos atos realizados ao longo da obra, na qual os operários são explorados e massacrados na sociedade burguesa. Não existe, portanto, saída nem perspectiva para a sociedade. O autor não encontra saída para chegar ao verdadeiro valor autêntico: o nacionalismo. Por isso decide matar o personagem central, o herói problemático da obra, o russo Ivan, sendo esta criação do professor Juvêncio, que também é levado à morte. Ivan e Juvêncio podem ser considerados um único personagem, pois o mestre-escola é o espelho de Plínio Salgado e criará Ivan como seu auto-retrato na busca do nacionalismo.

Plínio Salgado deveria mostrar caminhos para sair dos problemas, mas pelo fato de o romance ser uma criação burguesa, não existe a possibilidade de desvinculação do herói problemático com o autor. Além do professor Juvêncio, nacionalista extremado da obra, o autor se retrata no herói problemático. Ele não encontra saída para os problemas do personagem, pois a vida burguesa não tem a resposta para tais problemas sociais. Assim, o fim do herói problemático é a morte, por buscar os valores autênticos de uma maneira equivocada.

Essa sua busca não é encontrada porque ele é o próprio personagem, aliás, dois – Juvêncio e Ivan. A influência do mundo e do contexto social será incontrolável para a busca do nacionalismo e ocorrerá de maneira equivocada dentro do contexto de Plínio Salgado.

Este pequeno ensaio obteve como objetivo analisar de maneira sucinta apenas um romance de Plínio Salgado para servir de amostragem da possível relação com o estruturalismo genético goldmanniano. Nos estudos realizados sobre as obras ficcionais de Plínio Salgado, percebe-se uma crescente politização da temática do autor, permitindo constatar que Plínio Salgado mostra-se sensível aos problemas políticos e, ainda, aberto às influências ideológicas. Assim, nota-se que o autor pretendeu transformar os romances em fontes ideológicas, pois neles percebe-se claramente a ideologia integralista.

Nos romances, o intelectual Plínio Salgado não conseguirá

desvincular-se do mundo em que vive para buscar o valor autêntico. Por isso a vitória não ocorre, pois o caminho é percorrido de maneira equivocada devido à impossibilidade de desvinculação do Estado burguês existente. O nacionalismo almejado passa a ser um valor burguês da sociedade, uma vez que seu objetivo é atender o grupo que o ronda: a pequena burguesia.

Visto a luz da teoria goldmanniana, esse herói problemático busca a ruptura da sociedade, o que ocorre de uma maneira equivocada, já que os valores autênticos são vistos pela sociedade de uma maneira alienada. O romance deveria mostrar caminhos para os problemas, mas devido ao fato de ser uma criação burguesa, não acontecerá a desvinculação do herói problemático com o autor. Na maior parte das vezes, o autor se retratará no herói problemático. O autor não encontra saída para os questionamentos criados pelo personagem, já que é a sua vida que está sendo retratada dentro de uma vida burguesa, de um Estado burguês. Assim, o fim do herói problemático acaba sendo sua destruição: a morte.

O romance é composto por biografia e crônica social e o autor coloca sua vida e experiências nos romances; por isso o herói é o problemático. Portanto, o herói é um problemático sem valores autênticos num mundo de convenções existentes – as convenções burguesas. O herói está inserido numa sociedade individualista – pois é nela que o escritor vive – e, portanto, sua busca ocorre dentro de um contexto burguês. O romance é um gênero que estabelece uma ruptura entre herói e mundo, mas ela ocorre de maneira equivocada, pois o autor não consegue realizar a transcendência vertical, que consiste em não se colocar no romance. De acordo com a teoria goldmanniana, o autor não consegue realizar a transcendência vertical porque suas aspirações e desejos são sempre colocados na obra. Com isso, os valores usuais da sociedade burguesa passam a ser expressos. O romance é o único gênero literário em que a ética do romancista converte-se em problema estético da obra. A criação burguesa do escritor – o romance – precisa da presença do herói problemático que tem como objetivo buscar os valores autênticos.

Portanto, em *O estrangeiro*, é possível de maneira eficaz observar a relação entre a política doutrinária e a literatura romanesca, comprovando a teoria de Lucien Goldmann, segundo a qual o mundo burguês está presente do romance.

Referências Bibliográficas

FREITAG, Bárbara. *A teoria crítica: ontem e hoje*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

GOLDMANN, Lucien. *A sociologia do romance*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

MARTINS, Wilson. *A literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1978. v.6.

MEDEIROS, Jarbas. *Ideologia autoritária no Brasil: 1930-1945*. Rio de Janeiro: FGV, 1978.

SALGADO, Plínio. *A doutrina do sigma*. São Paulo: Revista dos tribunais, 1935a.

____. *A voz do oeste*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1934.

____. *Despertemos a nação!* Rio de Janeiro: José Olympio, 1935b.

____. Literatura e política. In: _____. *Obras completas*. São Paulo: Américas, 1956. v.19. pp. 5-125.

____. *Manifesto de outubro de 1932*. São Paulo: Voz do oeste, 1982.

____. *Mensagem às pedras do deserto*. Rio de Janeiro: Clássica Brasileira, 1950.

____. *O cavaleiro de Itararé*. São Paulo: Panorama, 1948.

____. *O dono do mundo*. São Paulo: GRD, 1999.

____. *O esperado*. São Paulo: Voz do oeste, 1981.

____. *O estrangeiro*. Rio de Janeiro: José Olímpio, 1936a.

____. *Palavra nova dos tempos novos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1936b.

____. *Trepandé*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972.

TELES, Gilberto Mendonça. *A crítica e o romance de 30 do Nordeste*. Rio de Janeiro: Atheneu Cultura, 1990.

____. *A vanguarda européia e modernismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRINDADE, Hélijo. *Integralismo*. O fascismo brasileiro da década de 30. Porto Alegre: Difel/UFRGS, 1979.

VASCONCELLOS, Gilberto. *Ideologia curupira: análise do discurso integralista*. São Paulo: Brasiliense, 1979.

Artigo recebido em 02/10/2007

Artigo aceito em 27/11/2007